



**O PERFIL DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE ESCOLAS PÚBLICAS DE SEIS CIDADES DA MICRORREGIÃO DO CAMPO DAS VERTENTES**

Marcelo Pereira de Andrade  
Sara Coelho dos Anjos  
Vítor Dias de Paiva Timóteo

**RESUMO**

*Este artigo apresenta a pesquisa desenvolvida com professores de Educação Física que atuam em escolas públicas em seis cidades da Microrregião do Campo das Vertentes, em Minas Gerais. Seu objeto de estudo é a análise do perfil desses professores, os quais se aproximam do que a literatura acadêmica tem apontado, há pelo menos três décadas. Os professores sujeitos desta pesquisa se distanciam da literatura acadêmica, não participam das discussões da sua categoria profissional, têm no esporte o conteúdo central de suas aulas e não conseguem ter um olhar crítico sobre sua formação, já que a consideram boa. O mundo acadêmico tem sua parcela de responsabilidade por essa formação inadequada e pelo afastamento desses profissionais da produção acadêmica. Isso nos obriga a enfrentar os problemas agora, caso contrário, muito provavelmente eles se repetirão nos futuros professores de Educação Física que atuarão em escolas.*

**Palavras-Chave:** *professores de educação física; prática pedagógica; perfil docente.*

**THE PHYSICAL EDUCATION TEACHERS OF PUBLIC SCHOOLS OF SIX CITIES OF THE “MICRORREGIÃO DO CAMPO DAS VERTENTES”**

**ABSTRACT**

*This article presents the research developed with Physical Education teachers who act in public schools in six cities of the Microrregião do Campo das Vertentes, in Minas Gerais. Its object of study is the analysis of the profile of these teachers, which if approach to what academic literature has pointed, have at least three decades. The involved teachers in this research they move of academic literature, do not participate of the quarrels of its professional category, have in the sport the central content of its lessons and they do not have a critical look on its formation, they consider good. The academic world has its parcel of responsibility for this inadequate formation and the removal of these professionals of the academic production. We have compels the problems now or, probably, they will be happened again in the future Physical Education teachers who will act in schools.*

**Keyword:** *physical education teachers; practical pedagogical; teaching profile.*

**LOS PROFESORES DE EDUCACIÓN FÍSICA EN LAS ESCUELAS PÚBLICAS EN SEIS CIUDADES DE LA “MICRORREGIÃO DO CAMPO DAS VERTENTES”**



## RESUMEN

*Este artículo presenta la investigación del sentido de tipo censo desarrollada con profesores de educación física que trabajan en las escuelas públicas en seis ciudades de la “Microrregião do Campo das Vertentes”, en Minas Gerais. Su estudio es el análisis del perfil profesional de los maestros. Los resultados indican que estos profesores se acercan a la literatura académica que ha señalado, es decir, alejarse de las publicaciones académicas, no participan en los debates de su profesión, tienen en el deporte el contenido básico de sus clases y no tienen una mirada crítica en su formación inicial. El mundo académico tiene su cuota de responsabilidad de este entrenamiento inadecuado, lejos de la rutina de la escuela, y la eliminación de estos profesionales de la producción académica. Esto nos obliga a enfrentar los problemas ahora, de lo contrario, se repetirá en los futuros profesores de educación física que trabajarán en la Educación Básica.*

**Palabras Claves:** *profesores educación física; práctica pedagógica; perfil del profesor.*

## INTRODUÇÃO

A literatura acadêmica tem indicado as dificuldades que professores de Educação Física enfrentam, como o distanciamento da gestão democrática da escola, o hiato entre a produção do conhecimento científico e prática pedagógica, exclusão e auto-exclusão no espaço escolar, entre outras. Parte desses problemas tem origem no curso de formação de professores, apesar disso não ser exclusividade da área, pois as demais licenciaturas, em geral, enfrentam problemas semelhantes.

Nossa proposição, na pesquisa desenvolvida que ora apresentamos, foi traçar e analisar o perfil dos professores de Educação Física que atuam em escolas públicas de seis cidades da Microrregião do Campo das Vertentes, em Minas Gerais<sup>1</sup>. As informações sobre os professores de Educação Física que atuam na região eram imprecisas, mesmo a Superintendência de Educação do Estado de Minas Gerais e as Secretarias Municipais de Educação não sabiam responder às seguintes questões: quantos são os professores de Educação Física que atuam nas escolas da região? Há quanto tempo atuam no magistério? Qual a remuneração média? Onde se formaram? Como é a formação continuada deles? Enfim, quem são esses professores?

Essas perguntas contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa. Nossos objetivos foram: dar às licenciaturas em Educação Física subsídios para a formação inicial e continuada de professores para a Educação Básica; oferecer aos órgãos públicos, Associações e/ou Sindicatos de Professores dados que contribuam para a elaboração de programas de formação continuada e de apoio aos professores de Educação Física que atuam na Educação Básica.

<sup>1</sup> A pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.



É preciso conhecer a prática pedagógica dos professores que atuam na Educação Básica, para que possamos formar professores conscientes dos desafios que lhes esperam, bem como planejar programas de formação continuada que levem em consideração e respeitem as diferentes realidades.

## **A INSERÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

A Educação Física, a partir da década de 1980, problematizou sua intervenção na escola, bem como a formação de seus professores (DAOLIO, 1998a). Bracht et al. (2002) esclarecem que esse período tem um significado bastante peculiar, não só para a Educação Física, mas para o pensamento pedagógico brasileiro, o qual foi marcado por um debate norteador por referenciais críticos, principalmente marxistas, sobre a função social do sistema educacional na sociedade capitalista brasileira, isto é, uma reflexão sobre o papel que vinha desempenhando.

O debate/embate na Educação Física brasileira na década de 1980 envolveu professores com diferentes enfoques teóricos, mesmo que os ânimos tenham se acirrado, isso proporcionou o avanço na construção do conhecimento científico da área (DAOLIO, 1998a).

Se a década de 1980 foi um período de debate, a década de 1990 representa um segundo momento, não apenas para a área, mas para a Educação, pois o movimento crítico procurou construir alternativas para a prática pedagógica dos professores na escola. As propostas de ação das chamadas pedagogias progressistas ou pedagogias críticas têm como perspectiva a Educação e a prática pedagógica voltadas para a transformação social – a construção de uma sociedade igualitária e justa (BRACHT et al., 2002).

Nesse contexto, foram apresentadas, por professores da área, diferentes perspectivas pedagógicas para a Educação Física no âmbito escolar, bem como a problematização e proposições para a formação dos professores de Educação Física. Darido (2003) acredita que não são poucos os estudos que, desde a década de 1980, discutem a formação de professores, bem como as mudanças pelas quais passaram os cursos de formação inicial.

Günther e Molina Neto (2000) explicam que as mudanças curriculares nos cursos superiores de Educação Física se corporificaram a partir da Resolução nº. 03/87. Entretanto para os autores, efetivamente trouxeram poucas alterações significativas; ainda persistiu a falta de articulação, de forma significativa, entre os conhecimentos específicos, conteúdos relacionados à metodologia e práticas pedagógicas, resultando num acúmulo de conhecimentos fragmentados, que pouco contribuiu para a prática pedagógica reflexiva e crítica dos futuros professores.

Os cursos de formação de professores de Educação Física, no Brasil, priorizaram, e muitos ainda priorizam a formação técnica voltada principalmente para o esporte (BETTI e BETTI, 1996), reforçando aquilo que os alunos, futuros professores, já “sabem”, isto é, o esporte como sinônimo de Educação Física; o que contribuiu para a reprodução do modelo esportivo nas aulas de Educação Física na escola (CELANTE, 2000; KUNZ, 2000; SOUZA, 2002; VELOZO, 2004).

Esse tipo de formação está voltado para um saber instrumental, de caráter funcional, que privilegia a competência técnica do docente, em detrimento da prática pedagógica. O objetivo é a seleção e a aplicação de procedimentos instrumentais que possibilitem a máxima eficácia nos resultados, mas



despreocupado com o caráter pedagógico ou formação humana dos escolares (GÜNTHER e MOLINA NETO, 2000; SOUZA, 2002).

Essa formação acaba por refletir na prática pedagógica dos professores de Educação Física, isto é, encontramos professores que atuam na escola, mas que não se vêem como professores e estão distantes das questões da escola (CELANTE, 2000; SÁ, 2000; SOUZA, 2002; VELOZO, 2004).

Não se trata de negar o esporte, mas, na perspectiva histórica da Educação Física, ele foi reduzido simplesmente à técnica e à tática, sem levar em consideração que é um fenômeno sociocultural. Infelizmente, conforme argumenta Betti (1995), os professores de Educação Física não conseguem ver outras possibilidades de intervenção a não ser o ensino do esporte. Mesmo entre tantas manifestações esportivas, os professores restringem as vivências dos escolares, ao trabalharem apenas as modalidades com as quais têm afinidades ou as que já praticaram, deixando de lado outras modalidades esportivas vivenciadas nos cursos de formação (BETTI, 1995).

Sá (2000) investigou a representação social dos professores de Educação Física na escola junto aos diferentes sujeitos (diretores, coordenadores, professores de outras disciplinas e de Educação Física). Apesar de suas limitações teórico-metodológicas, a pesquisa traz uma importante informação, pois os professores de Educação Física entrevistados entendem que o uso do esporte e dos exercícios físicos está devidamente justificado, visto que tais atividades “[...] possuem um valor educativo e, portanto, devem continuar ocorrendo na escola” (SÁ, 2000, p.58). A justificativa dos professores não é pela argumentação e sim pela imposição do conteúdo abordado tradicionalmente pela disciplina Educação Física – é um discurso do tipo senso comum.

As pesquisas de Daolio (1995) e Souza (2002) também apontam para a hegemonia do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física na escola. Daolio (1995) analisou o discurso de vinte professores (dez professoras e dez professores) de Educação Física da 14ª Delegacia de Ensino, a qual agrupava as escolas Estaduais da cidade de São Paulo, que atuavam no final da década de 1980. Tais professores se formaram em diferentes décadas, principalmente entre 1970 e 1980. Entretanto, o discurso da maioria dos professores aponta para uma formação voltada para o esporte que repercute na prática pedagógica, uma vez que a maior parte dos entrevistados considera o esporte, marcado pelo gesto técnico, como conteúdo central da Educação Física escolar.

Já Souza (2002) analisou os discursos de quatorze professores de Educação Física, efetivos e contratados pela Diretoria Leste II, da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo. O objetivo da maioria dos professores, entrevistados por Souza, era a especialização de alguma modalidade esportiva nas aulas de Educação Física. O autor esclarece que os professores acreditam que ao agirem assim, a competência técnica estará garantida.

Souza (2002) vai se aproximar de Betti (1995), ao concluir que os conteúdos privilegiados pelos professores entrevistados são o voleibol, o basquetebol, o handebol e o futsal, “[...] quando não se utilizam apenas de um deles” (SOUZA, 2002, p.74). Ainda existe a preocupação dos professores de trabalharem com as modalidades esportivas mais veiculadas pela mídia (SOUZA, 2002).



Se as pesquisas apontam para uma formação de professores de Educação Física que não prepara para a intervenção na escola, parte dos professores entrevistados por Daolio (1995) tem ciência desse problema, pois considerou que não recebeu nos cursos uma formação que sustente a prática pedagógica, na escola, para além do esporte.

Mesmo com esses problemas, a Educação Física brasileira avançou na concepção do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física desde a década de 1980. Diferentes autores (BETTI, 1991; COLETIVO DE AUTORES, 1992; DAOLIO, 1995 e 1998b; KUNZ, 2000) entendem o esporte como uma construção cultural importante que não pode ser negado, mas precisa ser repensado ou resignificado.

Contudo, se parte da área acadêmica da Educação Física avançou no entendimento do esporte, dos conteúdos, da escola, da própria área, porque tal avanço não vai ao encontro da prática pedagógica dos professores?

Apesar de destacarmos, até aqui, a formação inicial voltada ao esporte, não podemos considerar que este seja o único problema que interfere na prática pedagógica dos professores de Educação Física nas escolas.

A literatura acadêmica tem indicado o distanciamento dos professores de Educação Física da produção acadêmica, seja da área ou de áreas afins. Sobre isso, sabemos que os professores não tiveram contato, na maioria das vezes, com a produção acadêmica nos cursos de formação, outros foram apresentados a essa literatura de maneira superficial, somente quando constam nos editais de concursos públicos como bibliografia sugerida (SOUZA, 2002). Parte da explicação desse distanciamento está na história da formação de professores de Educação Física no Brasil, pois muitos cursos supervalorizaram as disciplinas chamadas “práticas” (DAOLIO, 1998b). Também foi comum aos cursos a ruptura entre teoria e prática pedagógica (GÜNTHER e MOLINA NETO, 2000).

E como se não bastasse, identificamos outros problemas que interferem na formação dos professores:

- apesar da Resolução CNE/CP 01, de fevereiro de 2002, estabelecer diretrizes para formação de professores da Educação Básica, ainda temos licenciaturas, em Educação Física, que na verdade, são cursos de Bacharelado que formam técnicos e não professores (ANDRADE, 2007);
- o distanciamento do mundo acadêmico e dos Cursos de Formação do cotidiano dos professores de Educação Física que atuam na escola (ANDRADE, 2007; GÜNTHER e MOLINA NETO, 2000; SOUZA, 2002);
- o distanciamento da realidade social, que é de extrema relevância ao tratar a formação de professores (GÜNTHER e MOLINA NETO, 2000);
- a construção midiática de valores sobre corpo/estética, esporte, saúde, socialização, entre outras (ANDRADE, 2007) que podem influenciar a formação de professores.

Esses não são os únicos problemas que interferem no processo de formação dos professores de Educação Física. Existem problemas que dizem respeito a todos os professores da Educação Básica:



- a crescente desvalorização do magistério, que transforma as licenciaturas em cursos menos importantes no meio Universitário e na sociedade, um fenômeno não apenas brasileiro (GÜNTHER e MOLINA NETO, 2000);
- a falta de acompanhamento do trabalho dos professores pelos órgãos responsáveis, com o objetivo de dar suporte pedagógico (SOUZA, 2002);
- a falta de possibilidades para que professores possam dar continuidade a sua formação (ANDRADE, 2007; SOUZA, 2002).

Neste contexto, a formação política deve ser oferecida na licenciatura, de forma que os futuros professores possam identificar e superar os diferentes problemas que envolvem a prática pedagógica (GÜNTHER e MOLINA NETO, 2000).

Bracht et al. (2002) explicam, a partir da formação continuada de professores de Educação Física, em Vitória (ES), que “[...] a prática docente envolve a vivência de situações e problemas não solucionáveis com a simples aplicação do conhecimento técnico-teórico disponível e, além disso, expõe o professor a demandas que se modificam” (p.20). Tais circunstâncias exigem que os professores tomem decisões e construam soluções e não simplesmente a aplicação de soluções pré-conformadas.

Para os professores, sujeitos da pesquisa coordenada por Bracht et al. (2002), a escola é um locus importante para a formação continuada dos professores, que não pode ser negligenciada ou afastada ao longo de seu processo.

Também é imprescindível que os professores sejam sujeitos de si, que tomem posição diante dos problemas que envolvem sua prática docente. Mas para isso, o mundo acadêmico, os cursos de formação inicial e os programas de formação continuada terão que entender e contribuir para o ofício docente, o que é urgente, pois como veremos, os problemas que afetam professores de Educação Física de diferentes regiões do Brasil se repetem com os professores das seis cidades da Microrregião do Campo das Vertentes.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa que ora apresentamos, é qualitativa com apoio do referencial teórico-metodológico e a proposição de Hermenêutica de Profundidade (HP) de John B. Thompson (1995).

A HP compreende três fases ou procedimentos, os quais estruturaram nossa pesquisa. A primeira é a “análise sócio-histórica” específica das condições de produção, circulação e recepção das formas simbólicas, na pesquisa correspondeu à análise da literatura, a partir da qual podemos compreender o contexto sociocultural da Educação Física escolar brasileira e suas relações com os sujeitos da pesquisa.

A segunda fase da HP compreende a “análise formal” ou “discursiva”, nela identificamos os professores de Educação Física que atuam em escolas públicas das seis cidades da Microrregião do Campo das Vertentes, em Minas Gerais – Lagoa Dourada, Nazareno, Resende Costa, Ritópolis, São João Del Rei e Tiradentes. Estas cidades participam de diferentes programas e parcerias com a Secretaria



Estadual de Educação de Minas Gerais, a Associação dos Municípios da Microrregião do Campo das Vertentes (AMVER) e a Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

Além do contato que já existia com as Secretarias Municipais de Educação, recorremos à Superintendência de Ensino do Estado de Minas Gerais, localizada na cidade de São João del-Rei. Foram solicitados a esse órgão os dados dos professores e das escolas nas quais atuam. Contudo, foi entregue somente um quadro de cargos de professores de Educação Física de escolas das cidades da região, tanto da rede Estadual quanto das redes Municipais. Essa relação possibilitou apenas estimar o número aproximado de professores de Educação Física que atuam nas escolas públicas da região.

O passo seguinte foi a coleta de dados, optamos pelo uso de um “questionário estruturado” com questões fechadas, tomamos essa decisão por ter como meta envolver o maior número possível de professores. Os responsáveis pelas aplicações dos questionários foram os acadêmicos do 4º e 6º períodos do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

Após a elaboração do questionário, bem como seu teste piloto, realizou-se um treinamento com 29 acadêmicos, sendo que desses, dois assumiram a função de assistentes de pesquisa. Os acadêmicos foram preparados para resolver qualquer eventualidade e garantir os preceitos éticos. Neste sentido, foram adotados os seguintes critérios:

- somente participaram da pesquisa professores licenciados em Educação Física;
- antes de apresentar o questionário, o acadêmico explicou a pesquisa e a importância da participação do professor;
- em seguida, o(a) professor(a), concordando em participar da pesquisa, assinou um termo de aceite, o qual assegura o sigilo sobre sua identificação;
- a não adesão do professor foi respeitada, sem insistência para que mudasse de idéia.

Depois do treinamento, os acadêmicos foram a campo, principalmente nas escolas onde estavam lotados os professores, entre os meses de agosto a outubro de 2008. Trinta e seis professores responderam os questionários; duas professoras não se dispuseram a participar. Os questionários foram identificados pela letra “S”, seguida pela ordem numérica (S1, S2, S3, S...).

Após a aplicação dos questionários, os dois assistentes de pesquisa tabularam os dados em planilha *Excel*. Esta base de dados possibilitou a análise estatística, que representa o início da nossa interpretação.

A terceira fase da HP e da nossa pesquisa é a “interpretação/reinterpretação”, nela temos como objetivo a explicitação criativa daquilo que foi dito ou representado pela forma simbólica, as respostas dos sujeitos ao questionário apresentado. Esta fase é estruturada pelos resultados obtidos nas fases anteriores da HP, a qual avança em relação às outras, pois é um processo de construção sintética, promovendo o conflito interpretativo entre a interpretação do pesquisador e as interpretações que circulam (THOMPSON, 1995), dos sujeitos da pesquisa.

## **O PERFIL DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA**



Entre os 36 professores que participaram da pesquisa, a maioria é do sexo feminino, são 23 professoras (63,9%) e 13 (36,1%) professores. A maioria dos professores (61,1%) tem mais de 30 anos. Sobre a remuneração dos professores, 19,4% tinham uma remuneração entre dois e dois e meio salários mínimos (a referência foi o salário mínimo de 2008 de R\$ 415,00) e 16,7% entre um e meio e dois salários mínimos. Apenas um professor (2,8%) recebia mais que cinco salários mínimos, mais precisamente R\$ 2.150,00. A média salarial desses professores é de R\$ 1.181,00. Os professores que ganham acima de três salários mínimos têm jornada de trabalho acima de trinta horas semanais.

Em relação à formação inicial dos professores, 55,6% se formaram entre 2000 e 2008, isto indica que a maioria dos professores é constituída por recém-formados. Os professores (66,7%) cursaram licenciatura plena. Também é importante chamar a atenção para o fato de que 19,4% são oriundos de cursos com dupla saída, isto é, licenciatura e bacharelado. Mas, apenas cinco professoras (13,9%) cursaram uma licenciatura estruturada a partir da Resolução CNE/CP 01 (18/02/2002) e Resolução CNE/CP 02 (19/02/2002), ou seja, voltada para a formação de professores para a Educação Básica.

O Instituto Presbiteriano Gammon, entre as instituições que formam professores do Campo das Vertentes, é o responsável pela formação de 44,4% dos professores. As instituições particulares são as responsáveis pela formação de 52,8% dos professores, enquanto as instituições públicas, em específico as Universidades Federais, formaram 47,2% dos professores.

Apenas dois professores (5,6%) têm uma segunda formação superior, ambos formados em Filosofia com habilitação também em História, na Universidade Federal de São João del-Rei. Para 75% dos professores, a Educação Física foi a primeira opção no vestibular; nove professores (25%) responderam que a escolha do curso de Educação Física foi a segunda opção.

Sobre o tempo de profissão: 25% estavam no magistério entre um e cinco anos; 25% entre 11 e 15 anos; 19,4% entre 15 e 30 anos. Predominantemente, os professores são efetivos, 24 (66,7%), deste total: 62,1% são efetivos na Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais; 17,2% são efetivos nas redes municipais; 20,7% são efetivos das duas redes (Estadual e Municipais).

Trabalhar na escola é a primeira opção de 75% dos professores e a única fonte de renda para 58,3% deles, seja porque têm interesses, gostam, ou mesmo por pagar mais que academias ou clubes, garantir estabilidade e direitos trabalhistas.

Um percentual expressivo dos professores, 41,7%, além de trabalhar em escola, trabalha em clubes e academias. Os professores, em sua grande maioria (81,3%), trabalham na área de Educação Física, mas, 13,9% trabalham em outros setores (comércio, prestação de serviço, entre outros).

Sobre a profissão, 80,6% dos professores estão satisfeitos e realizados por fazerem o que gostam. Quanto à relação carreira e remuneração, os professores estão insatisfeitos, sentem-se desvalorizados. A resposta mais interessante é a do professor S36, ele diz estar satisfeito com sua profissão, mas

[...] se conseguir algo que renda mais, eu largo o Estado (S36).

Sobre as questões ligadas à categoria profissional, 69,4% dos professores não se envolvem com sua categoria profissional (sindicatos, associações profissionais). Entre os 30,6% dos professores que



responderam que participam das questões ligadas a sua categoria, o que se nota não é um envolvimento próximo, pois consideram como participação: ser sindicalizado; participar ou apoiar greve; participar de reunião quando são realizadas.

A maioria dos professores (61,1%) respondeu que participa de programas de formação continuada (cursos oferecidos pelos municípios e pelo Estado e/ou cursos de pós-graduação). Algo que chama a atenção é o fato de 80% dos professores responderem que têm outras formas de se atualizar (internet, revistas, conversas com colegas da área). A fonte que possibilita a suposta atualização pode ser qualquer uma, segundo os professores, mas não se questiona sua fidedignidade ou sua repercussão na prática pedagógica.

### **A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES**

Como pode ser visto, a literatura indica que a formação inicial dos professores para a Educação Básica é um dos fatores que dificulta a prática docente. Entretanto, 20 professores (55,6%) responderam que a formação que receberam no curso de formação inicial foi adequada para atuar na Educação Básica. Porém, são vagas as explicações sobre como chegaram a essa conclusão. Um professor diz que teve uma boa formação porque fez o estágio supervisionado obrigatório. Destacamos algumas respostas dos professores

Foi de grande importância, pois foi bem direcionada na área educacional (S13).

Formação satisfatória e que deu base para atuar na escola (S19).

Foi muito importante, pois fiz meus estágios em escolas públicas e particulares e pude desenvolver o que foi ensinado (S23).

Excelente. Acredito que minha formação foi essencial para minha atuação na escola (S34).

Apesar da maioria dos professores considerar que recebeu formação adequada, principalmente para atuar no espaço escolar, outros 16 disseram que não receberam formação para intervir na escola, entre estes, alguns apontam para a dicotomia entre “teoria” e “prática” em seus cursos de formação. A prática à qual se referem é a docente, a qual não é apresentada pelas licenciaturas.

Totalmente fora da realidade (S4).

A realidade da escola não é totalmente compatível com o que nos é ensinado na faculdade. Temos a teoria, mas a prática é mais complicada em um país que ainda não acordou para as diferenças (S6).

Não demonstrou a realidade da maioria das escolas, nos estágios, as escolas apresentavam materiais, alunos uniformizados, espaço físico adequado (S8).

Foi bom, mas não contribuiu muito, pois na realidade é diferente; falta material e espaço (S10).



## IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

Não fui preparado para trabalhar na escola pública. Espero que você prepare os seus alunos e mostre a realidade da escola pública (S12).

Foi muito boa, mas faltou um pouco de prática que foi adquirida com a experiência (S14).

A faculdade proporcionou apenas embasamento teórico, a prática ficou a desejar (S17).

A formação foi boa, porém, nem sempre a teoria funciona na prática (S18).

A ruptura entre teoria e prática é indicada pela literatura acadêmica (BETTI e BETTI, 1996; DAOLIO, 1998; SOUZA; 2002; VELOZO, 2004). Formar professores de Educação Física que consigam dialogar e se apropriar do conhecimento científico ainda parece ser um grande desafio, apesar do aumento da produção desse conhecimento desde a década de 1980.

Chama a atenção o fato dos cursos que deveriam formar professores estarem distantes do cotidiano da escola e de sua realidade. A desarticulação entre os cursos de formação de professores e a escola, indicada pelos sujeitos da pesquisa, também é indicada por outras pesquisas (DAOLIO, 1998b; KUNZ, 2000; SOUZA; 2002; VELOZO, 2004).

Se por um lado os cursos de formação foram teóricos, por outro, a prática pedagógica dos professores se distancia da produção acadêmica da Educação Física ou da Educação, pois o que se vê, ao indagar os professores sobre o aporte teórico que sustenta sua intervenção na escola, são menções equivocadas dos títulos das obras ou um emaranhado de temas para as aulas de Educação Física.

As obras mais citadas pelos professores são a Metodologia do Ensino da Educação Física (cinco citações) e os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (cinco citações). Entre as citações, algumas são inusitadas, parece que qualquer referencial teórico subsidia a prática pedagógica dos professores de Educação Física na escola, como: Pilates com Bola; Musculação e Estética Feminina; Iniciação Esportiva Universal; Natação e Hidroginástica. Os manuais de aulas também aparecem nas respostas dos professores: “Educação Física do berçário ao Ensino Médio” e “1002 brincadeiras”.

Quando indagados sobre os autores da área que conhecem ou leram, os professores mencionaram 60 nomes, até os distantes da escola. Mas é preciso que se entenda que alguns professores fizeram alusão a vários autores, enquanto outros citaram apenas um e houve quem simplesmente não mencionou um sequer.

Entre os autores da Educação Física, os mais citados foram: Valter Bracht (com sete citações); Elenor Kunz (com cinco citações); Coletivo de Autores (com quatro citações). Autores da área da Educação e outras áreas afins como Demerval Saviani, Paulo Freire, Jean Piaget e Jean Le Boulch também foram lembrados.

Contracenam com esses autores aqueles que não enfocam a Educação Física na escola como Estélio Dantas e Nuno Cobra, autores da área de treinamento esportivo e preparação física. É importante esclarecer que nosso objetivo, ao buscar essa informação, era identificar os referenciais que sustentam a prática pedagógica desses professores na escola.



## IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

Segundo as respostas, 44,4% dos professores são influenciados por algum autor. Os que aparecem com mais destaque são: Jean Le Boulch (três citações); Coletivo de Autores (três citações); Paulo Freire (duas citações). É preciso destacar a importância desses autores para a Educação Física e Educação. Entretanto, o número de citações para cada autor é muito baixo, levando-se em conta o número de 36 professores.

Os professores de Educação Física, em geral, resistem ao conhecimento científico. Como já vimos, muitos consideram que a produção teórica não vai ao encontro da realidade da escola e de seus professores.

O que realmente influencia minhas aulas é a realidade dos meus alunos (S11).

Não me prendo a autores (S15).

Trabalho de acordo com as necessidades dos alunos e suas realidades (S18).

[...] costumo trabalhar com a realidade dos alunos, sem cópias, com a participação nas atividades que eles se interessam (S26).

[...] acredito que trabalho mais utilizando o que aprendi na prática, em conversas com amigos, em cursos. Não me lembro de usar nenhum autor para dar minhas aulas (S29).

O professor S24, ao ser indagado a respeito da possível influência de algum autor no seu trabalho, responde com ironia:

Valter Bracht. Influência negativa (S24).

É importante elucidar que esse professor (S24) cursou licenciatura numa Universidade Pública, conceituada e com professores que enfatizaram as questões didático-pedagógicas e sociais, mesmo assim, não conseguiu apreender a relação entre a produção de conhecimento científico e sua prática pedagógica.

Em relação aos objetivos priorizados nas aulas de Educação Física pelos professores, identificamos 21 objetivos, os mais destacados são: socialização (30 citações); gosto pela atividade física (quatro citações); qualidade de vida (três citações); esportes (três citações); lazer (três citações); formação crítica e transformadora (três citações).

Esse dado vai ao encontro da pesquisa de Jesus et al. (2007). Os autores analisaram os sentidos atribuídos pelos alunos do ensino médio, de uma escola pública da cidade de São João del-Rei, às aulas de Educação Física. A socialização também aparece na fala dos alunos, que a entendem, pelo senso comum, como trabalhar em grupo sem conflitos, tudo tem que funcionar bem, sem discussão, é preciso zelar pela harmonia do grupo.

Poucos professores justificaram porque têm como objetivo a socialização, entre estes, o professor S13 respondeu

[...] porque trabalho em escola de periferia onde existem vários problemas sociais (S13).



Para esse professor, as escolas de periferias são as que apresentam problemas, mais especificamente sociais, por isso a socialização é importante. Na verdade, sua justificativa é ingênua, funcional, que estigmatiza os alunos e as escolas da periferia.

Os outros objetivos citados pelos professores como, gosto pela atividade física, qualidade de vida, lazer e esportes, estão presentes na Educação Física brasileira há décadas, mas nem a área e nem seus professores conseguem justificá-los, pois se estes objetivos são tão importantes, por que ainda não se legitimou a Educação Física na escola em função deles?

Entre os conteúdos desenvolvidos pelos professores nas aulas de Educação Física, como em outros estudos (BETTI, 1995; DAOLIO, 1998; CELANTE, 2000; SOUZA, 2002; VELOZO, 2004), o esporte é o mais abordado, pois as modalidades esportivas (voleibol, basquete, handebol, futebol, atletismo) foram citadas 42 vezes. Apesar de parte dos professores considerar sua formação adequada, eles ainda reproduzem o modelo de Educação Física de décadas atrás.

Jesus et al. (2007) também identificaram o destaque do esporte, como conteúdo da Educação Física, nas falas dos alunos do ensino médio de uma escola de São João del-Rei. Ao longo de onze anos na escola, eles frequentaram as aulas de Educação Física e entendem o esporte como conteúdo central das aulas dessa disciplina, demonstrando que foi isso que aprenderam.

Como explica Betti (1995), parece que os professores de Educação Física não têm outra forma de intervenção a não ser o esporte. Um dos professores justifica a adoção do esporte:

É o que os alunos mais gostam e se interessam (S4).

No entanto, os alunos da Educação Básica têm interesse por outros conteúdos, além do esporte como a própria literatura tem apontado (BETTI, 1995; JESUS et al., 2007). Só que, muitas vezes, os alunos não têm possibilidades de construir, junto com os professores de Educação Física, alternativas para as aulas e conteúdos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizarmos esta pesquisa, vimo-nos em um cenário que não é estranho e sim bastante semelhante a outras regiões do Brasil. Mesmo assim, ainda chama atenção a contradição presente na maioria dos professores que participaram da pesquisa, pois se por um lado dizem ter recebido uma boa formação, por outro estão distantes da produção acadêmica e nem conseguem ver alguma importância nela. Alguns professores disseram que existem várias formas de se atualizar (jornais, internet, colegas, entre outras), a única que parece não servir é a produção acadêmica.

É óbvio que o mundo acadêmico tem responsabilidades por esse distanciamento, seja porque permite uma formação inadequada, ou porque se distancia dos professores da Educação Básica. Também não basta mais dizer que a Universidade Pública garante uma boa formação, pois entre os 36 professores que participaram da pesquisa, 47,2% se formaram em Universidades Federais, mas com os mesmos problemas que os 52,8% dos professores que se formaram em instituições privadas. Isto, talvez se explique, pelo tratamento que as licenciaturas têm recebido das Universidades Públicas e de seus membros, isto é, o entendimento de que elas são menos importantes diante de outros cursos.



Resgatemos a fala de uma professora recém-formada (2007) numa Universidade Federal, com ênfase na Educação Básica, “[...] trabalho de acordo com as necessidades dos alunos e suas realidades” (S18). Essa professora não compreende que o conhecimento acadêmico não está contra a realidade de seus alunos, mas que dela é possível outra leitura de mundo, nessa relação ela (professora) é responsável pela mediação da teoria com sua prática pedagógica, que é dialética, o que pode resultar na construção de um novo conhecimento. Como explica Freire (2001), não se pode separar a teoria da prática docente, elas são indissociáveis.

Não estamos igualando uma instituição a outra, isso seria tolice, pois se existe uma instituição que pode garantir educação de qualidade, laica e igualitária, é a Universidade Pública. Por esse motivo, as licenciaturas em Educação Física terão que se voltar mais profundamente e com responsabilidade para a formação de professores para a Educação Básica, tanto na formação inicial quanto na formação continuada.

O que identificamos nesta pesquisa, apesar de não ser algo novo, se soma aos estudos que há pelo menos três décadas alertam para a necessidade de mudanças na formação de professores e, apesar de todos os esforços, ainda encontramos os mesmos problemas. Como desabafa Souza (2002)

E o pior é que o quadro apresentado parece não ter sido revertido de maneira satisfatória nos últimos anos. Os professores entrevistados que se formaram recentemente não demonstraram pensamento diferente dos formados há mais tempo (p. 79).

Além dos problemas que envolvem a formação nas licenciaturas em Educação Física, temos a inércia do poder público (União, Estados e Municípios) que não oferece melhores condições a esses professores, seja ao menos pelo plano de carreira/remuneração, pela formação continuada ou pelo acompanhamento e apoio pedagógico.

É preocupante saber que os professores não têm conseguido dar outro rumo ao seu ofício, por esse motivo a urgência de um esforço coletivo que transforme a Educação Física, a Educação e a escola no Brasil. Os professores sujeitos desta pesquisa, como todos professores da Educação Básica, têm grandes desafios que não são somente deles, mas da comunidade acadêmica e da sociedade. Entretanto, se não enfrentá-los agora, no futuro, muito provavelmente, identificaremos os mesmos problemas, só mudarão os professores, a região e o pesquisador, como tem acontecido nas últimas três décadas.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRADE, M.P. Reforma Curricular dos cursos de licenciatura: uma experiência na licenciatura em Educação Física da UFSJ. In: SOUZA, João Valdir A (org.) *Formação de professores para a Educação Básica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.45-46.

BETTI, R. Esporte na escola: mas é só isso, professor? In: *Motriz*, vol. 1, nº 1, p. 25-31, 1995.

BETTI, M.; BETTI, R. Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física. In: *Motriz*, vol. 2, nº 1, p. 10-15, 1996.



BRACHT, V. et al. A prática pedagógica em Educação Física: a mudança a partir da pesquisa-ação. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 23, n. 2, p. 9-29, jan. 2002.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Resolução 01 CNE/CP*, de 18 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_02.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf). Acesso em: 16 set. 2009.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. *Resolução 02 CNE/CP*, de 19 de fevereiro de 2002. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>. Acesso em: 16 set. 2009.

CELANTE, A.R. *Educação Física e cultura corporal: uma experiência de intervenção pedagógica no ensino médio*. 2000. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo: Editora Cortez, 1991.

DAOLIO, J. *Educação Física brasileira: autores e atores da década de 1980*. Campinas: Papirus, 1998a

\_\_\_\_\_. Fenômeno social esporte na formação profissional em Educação Física. In: *Revista da Educação Física*, vol. 9, nº 1, p. 111-115, 1998b.

\_\_\_\_\_. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papirus, 1995.

DARIDO, S.C. *Educação Física na escola: questões e reflexões*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2003.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001.

GÜNTHER, M.C.C.; MOLINA NETO, V. Formação permanente de professores de Educação Física na rede municipal de ensino de Porto Alegre: uma abordagem etnográfica. In: *Rev. paul. Educ. Fís.*, São Paulo, 14(1):72-84, jan./jun. 2000

JESUS, K. et al. *Os sentidos atribuídos pelos alunos do ensino médio à Educação Física Escolar*. Relatório de pesquisa, 2007. (mimeogr.).

KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

SÁ, I.R. *Educação Física Escolar: as representações sociais compartilhadas por professores, coordenadores e diretores*. 2000. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.



SOUZA, A.S. *O conhecimento dos professores da Leste 2 de São Paulo sobre a produção acadêmica da Educação Física nas décadas de 1980 e 1990.* 2002. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VELOZO, E.L. *Os saberes nas aulas de educação física escolar: uma visão a partir da escola pública.* 2004. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas.

Endereço para correspondência:

Rua Sebastião Barbosa, 415  
Alto do Maquine  
São João del-Rei-MG  
CEP: 36302-338  
E-mail:mapea@ufsj.edu.br

Recurso tecnológico necessário: projetor multimídia